

11ª Edição

REVISTA RABISCA

Pela emergência da palavra

Leia sobre
Tudo o que falo soa
como flores mortas de
Madu Duarte

Conheça o conto
& Os olhos do meu
subconsciente
de Oswaldo Sahopa

Fotografia por Elizaveta Dushechkina, de Pexels

Ficha Técnica

Idealizadoras:

Diana Pinto e Elisa Rodrigues

Colaboradores:

Diogo Pires (Capa/Fotografia) e Inês Caeiro (Ilustração)

Parceiros:

Revista Perpétua (<https://www.revistaperpetua.com/>)

Fábrica de Histórias (<https://fhistorias.carrd.co/>)

Ésobrenós Editora (<https://www.facebook.com/esobrenoseditora>)

Editora Sunny (<https://www.editorasunny.com/>)

Pega Editora (<https://www.facebook.com/pegaeditoraangola>)

VPA 20/20 (<http://www.vpa2020.org/index.php/pt/>)

Convidados:

Vasco Mentos Luar (Indisponível)

Nelson Gomez (Indisponível)

Oswaldo Sahopa (Indisponível)

Letícia Mariana

(<http://www.ppd.net.br/entre-barbantes-livro-surpreendente-escrito-por-adolescente-renova-esperancas/>)

Willian Losasso (<https://linktr.ee/trovaodistante>)

Periodicidade:

Mensal

Site Oficial:

<https://www.rrabisca.weebly.com/>

Redes Sociais Onde Nos Pode Encontrar:

Facebook - @rrabisca

Instagram - @rrabisca

Twitter - @RRabisca

Pinterest - @RRabisca

Revista Rabisca é uma Marca Registrada.

Todos os direitos reservados.

Índice

- Pág. 3 Nesta Edição
- Pág. 3 Diana Pinto
- Pág. 5 Elisa Rodrigues
- Pág. 7 Letra Esquecida
- Pág. 7 Crónica 1, Vasco Mendes Luar
- Pág. 8 Emoções, Nelson Gomez
- Pág. 8 Crónica 2, Vasco Mendes Luar
- Pág. 9 Os olhos do meu subconsciente, Osvaldo Sahopa
- Pág. 11 Crónica 3, Vasco mentes Luar
- Pág. 12 Escrita Perdida
- Pág. 12 O Bordel, John Miller
- Pág. 13 Can you keep a secret?, Suzanny Santos
- Pág. 14 Tudo o que falo soa como flores mortas, Madu Duarte
- Pág. 15 Páginas no Escuro
- Pág. 15 Contos de Prata, Athos Ronaldo Miralha da Cunha
- Pág. 16 Jesus Cristo e a História do Cu, Gervânio Cabral
- Pág. 17 Os Papiros de Ravena, Waldir de Assis Júnior
- Pág. 19 Trovão Distante, Willian Ferreira Losasso
- Pág. 21 Centelha Curiosa - Leticia Mariana
- Pág. 23 Centelha Curiosa - Willian Losasso
- Pág. 26 Panorama de Apreciação
- Pág. 29 Lâmpada

Nesta Edição

Diana Pinto

Esta 11ª edição é a última da Revista Rabisca e, por esse motivo, talvez este texto introdutório seja um pouco maior.

Antes de mais, falando do conteúdo da revista: Resenhei dois livros bastante diferentes no seu enredo: “Contos de Prata”, de Athos Ronaldo Miralha da Cunha, e “Trovão Distante”, de Willian Losasso. O primeiro é um livro de contos de literatura brasileira, publicado pela Editora Penalux. O segundo é uma obra que se passa num cenário de guerra, publicada pela Chiado Books.

Quanto às histórias online, decidi também resenhar duas, mesmo tendo ficado alguns dias sem objecto eletrónico para poder lê-las. São dois contos que têm apenas o romance como semelhança. Li “Tudo Que Falo Soa Como Flores Mortas”, de Madu Duarte, um conto de romance dramático, e “O Bordel”, de John Miller, que é sobre uma traição entre um casal.

Aproveito para confirmar com o autor Mateus Garcia que farei a resenha ao livro dele, “Vidas Perdidas”, porém não na Revista Rabisca.

Quanto à Centelha Curiosa, foi feita uma entrevista à escritora e poetisa Letícia Mariana, uma autora que dispensa apresentações para quem conhece as resenhas feitas na parceira Fábrica de Histórias. A Letícia Mariana tem duas obras publicadas e vários poemas publicados em sites de literatura. Vale a pena conhecer mais sobre a autora!

O Wattys Sob Lupa, que seria um projeto terminado em Fevereiro, irá continuar, pois há resenhistas que ainda leem as obras, portanto pedimos aos autores alguma compreensão.

Quanto ao fim das edições da Revista Rabisca, eu quando tive a ideia de criar uma revista literária e lusófona sabia que seria uma tarefa complicada por vários motivos: Preconceito (de várias formas) e até mesmo de logística, digamos assim.

A minha ideia era fazer expandir a literatura escrita em língua portuguesa e divulgá-la com uma maior facilidade. Ao longo de quase 13 anos no meio editorial/literário, pelo menos desde que estou no meio online pois escrevo antes disso, entendi que é complicado fazer as obras escritas em língua portuguesa circularem livremente pelos países lusófonos e isso torna muito mais fácil a leitura de obras traduzidas. Claro que há mais motivos para que isso aconteça, porém com a criação da Revista Rabisca, eu queria fazer com que essa dificuldade abrandasse um pouco.

Percebi que sozinha seria um pouco complicado e sei que posso ser das poucas pessoas a querer unir e expandir a literatura lusófona, no entanto queria ter alguém que gostasse de literatura. A Elisa aceitou o meu convite e juntas decidimos criar a Revista Rabisca. Confesso que foi uma aventura interessante e talvez um pouco arriscada. Decidimos dividir tarefas. Ela procurava imagens, eu procurava divulgação e, nesse sentido, penso que percebi onde parava a minha

rede de contactos, porque é exatamente esse um dos motivos da Revista terminar. Chegámos a um momento, ou eu cheguei a um momento em que percebi que a coluna Letra Esquecida perdia conteúdo. Sei que é complicado pedir aos autores para escreverem algo inédito e enviarem, mas os meses de preparação e divulgação foram poucos para o futuro da Revista. Sinto que fracassei nessa questão e a resposta foi exatamente esta.

Também tenho que confessar que, após 13 anos a resenhar obras, penso que deveria começar a cobrar. Tenho vários colegas que ainda antes de terem 1 ano enquanto resenhistas já cobravam. Eu já ultrapassei os 10 anos nisto e quase nunca cobrei. Claro que cobrar a autores independentes é até quase uma maldade, porque eles já lutam por um “lugar ao sol”, mas o trabalho do resenhista também tem que ser respeitado e por várias vezes vi o meu trabalho não ser tão bem aceite.

Isto também vai de encontro a alguma polémica que surgiu com a Revista. A Elisa nunca tinha resenhado e eu não fazia revisão alguma das resenhas dela. Claro que a Revista acabou sendo prejudicada por isso, mas só me restava pedir desculpa. É certo que o trabalho do resenhista deve ser respeitado, mas o autor também e essa linha ténue pode ser facilmente derrubada. Peço desculpa por qualquer transtorno causado.

Tento sempre ser correta com as resenhas que escrevo, porque há alguém do outro lado que deu uma parte de si para aquele texto, para aquele conto, para aquela obra. Sei que já estive envolvida em polémicas por trazer críticas negativas, mas sempre tentei manter o respeito. Ser resenhista é criticar o objeto e nunca o autor e é isso que eu tenho em mente.

Não sei se em algum momento a Revista Rabisca voltará, mas eu continuarei a fazer resenhas, talvez a cobrar algumas, porque também tenho o direito de o fazer. Ainda estarei online e presente.

Gostaria apenas de dizer que, mesmo que a Revista termine efetivamente, foi incrível estes meses em que por breves momentos pude fazer expandir e unir a literatura lusófona, mesmo que tenha sido algo fracassado. O sonho mantém-se, e, às vezes, sabemos que os sonhos são difíceis de se cumprirem.

Gostaria de agradecer a todos os parceiros literários da Revista Rabisca: A Fábrica de Histórias, a VPA, as editoras Ésobrenós, Pega e Sunny e à Revista Perpétua, especialmente à Elisa e ao Felipe que me levaram a arriscar e a abrir esta Revista.

Foi um prazer enorme trocar e-mails, mensagens, ler obras, divulgá-las e estar próxima do vosso meio de contactos, aprendi imenso durante este tempo de parceria. Lucas Cassule, CEO da Ésobrenós Editora, muito obrigada por cada obra recebida para ser feita resenha.

Obrigada a cada autor participante!

Eu, Diana, continuarei por aqui online a apoiar a literatura lusófona, talvez não mais com a Revista Rabisca, mas ainda presente!

Até breve!

Fotografia por Shirley Tan, de Pexels.

Elisa Rodrigues

A Revista Rabisca começou em Fevereiro de 2021. Foi nessa altura que eu e a Diana nos juntámos nesta grande aventura de união literária. Claro que só meses mais tarde é que foi feita a primeira publicação por dois motivos principais: primeiro, queríamos ter a certeza que estava tudo em ordem, nada faltava ou falhava para começarmos a publicar e publicitar a revista; segundo, 5 de Maio era e é o Dia Mundial da Língua Portuguesa e não havia melhor data para lançar este projeto lusófono tão especial.

Sendo um projeto de união, não só da literatura mas de duas escritoras e idealizadoras que vêm o mundo da escrita de modo tão diferente, não achei correto manter este projeto ativo e continuá-lo sem a Diana. Este é o motivo principal da minha decisão para além dos já mencionados numa imagem publicada anteriormente nas redes sociais.

Apesar de ter trabalhado com gosto na revista, a minha vida pessoal e profissional já não era compatível com o que fazia. As publicações, por exemplo, eram sempre dentro do meu horário de trabalho, o que não é o ideal de todo. Para além disso, foram muitas horas e dias de descanso dedicados à leitura e à crítica, à pesquisa e edição de imagens, à atualização das redes sociais, à resposta a comentários, mensagens e e-mails, por aí fora; tarefas que parecem simples, fáceis e rápidas de realizar mas que, quando somadas, são muito desgastantes e longas. A minha saúde mental estava a deteriorar-se aos poucos com a falta de descanso, até chegar ao ponto de, por ordem médica, ter de reservar um dia por semana em que nada era feito - um dia de preguiça, por assim dizer.

Adoro a revista e tudo o que aprendi com ela. Contudo, por muito que goste do que faço, não quer dizer que não haja stress envolvido. Como disse naquele Live que ficou perdido no tempo, o stress está sempre presente, principalmente para alguém com uma costela de perfeccionista como eu. Como não posso controlar tudo, visto haver muitas coisas fora do meu alcance e a depender de outros, o stress nunca deixou de existir. Ajudou bastante ser algo que eu gostava de fazer e estar a aprender coisas que me interessam. Por exemplo, o uso do canva, uma ferramenta que nem sabia existir até começar a trabalhar com a Diana na revista, foi-me extremamente útil nos outros aspetos da minha vida.

Por esse motivo, a revista vai para sempre ficar na minha memória como uma experiência fantástica. E estou muito feliz por ter aceite o convite da Diana e



ter entrado nesta aventura. Teria sido espetacular poder continuar a revista mas, por falta de tempo e dinheiro, não há essa possibilidade.

Por agora é um adeus. E digo por agora pois há sempre uma possibilidade de a Revista voltar a abrir. Ninguém sabe o dia de amanhã e eu muito menos. Por isso, só tenho a agradecer a todos os que apoiaram a revista, participando nas edições, partilhando os nossos conteúdos ou até mesmo adquirindo as edições. Sem vocês, provavelmente, não teríamos publicado durante tanto tempo e teríamos fechado a revista mais cedo.

Obrigado a todos.

Falando agora do conteúdo desta edição, publicamos todos os autores que nos contactaram e cumpriram os requisitos de seleção antes do nosso anúncio e é por esse motivo que temos cinco obras na coluna Letra Esquecida, quatro resenhas/críticas a livros publicados e três a histórias online, e ainda duas entrevistas na Centelha Curiosa!

Começando com a Letra Esquecida, Nelson Gomez estreia com o poema “Emoções”. Regressam Vasco Mentos Luar e Osvaldo Sahopa, ambos com crónicas. Vasco Mentos Luar traz-nos três crónicas e Osvaldo Sahopa presenteia-nos com “Os olhos do meu subconsciente”.

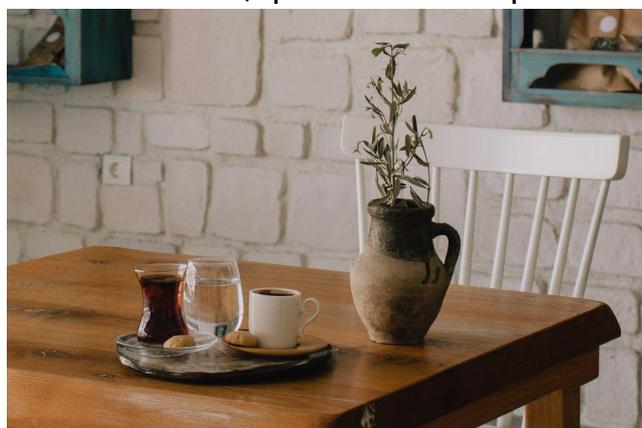
Realizei as críticas à história online de Suzanny Santos, “Can you keep a secret?”, e aos livros publicados “Jesus Cristo e a História do Cu”, de Gervânio Cabral, e “Os Papiros de Ravena”, de Waldir de Assis Júnior.

Temos também como entrevistado Willian Losasso, cujo livro li para crítica este mês.

Por fim, como sempre temos a Lâmpada com os vários passatempos e Desafio de Escrita.

Apesar de as edições terminarem este mês, a Revista Rabisca vai continuar a publicar ao longo do mês nas redes sociais, como tem feito até agora e, depois disso, vai manter as redes sociais e lojas abertas para todos os que desejarem reler tudo o que publicámos no passado. Todas as interações, no entanto, vão ser reduzidas ao mínimo, seja respostas a comentários, e-mails e mensagens privadas nas redes sociais. Continuaremos a responder, poderá ser com menor frequência, ou seja, demorarmos mais tempo a dar resposta.

Desejo a todos muito sucesso, quer na escrita quer na crítica, e boas leituras!



Fotografia por Ata Ebem, de Pexels.

Letra Esquecida

Crónica 1, Vasco Mendes Luar

Uma tempestade na alma faz sempre com que tenhamos de voltar a arrumar as memórias nas gavetas, e encontrar pelo chão proezas esquecidas, viagens quase realizadas, fotografias quase tiradas, beijos quase dados, lágrimas quase sentidas, como as que soltamos na hora de voltar a não ter coragem de deitar fora coisinhas que não sabíamos que tínhamos, mas que fazem parte, afinal, do que somos.

E é na hora em que voltamos a não conseguir deitar fora certas coisas, que percebemos que são a nossa obra inacabada; gavetas cheias de quases que nos fazem sentar no chão do quarto, e voltar ao princípio, à criança que não quisemos ser por uns tempos, até a tempestade vir e espalhar tudo num ato rebelde, mas eficaz, talvez de deus...

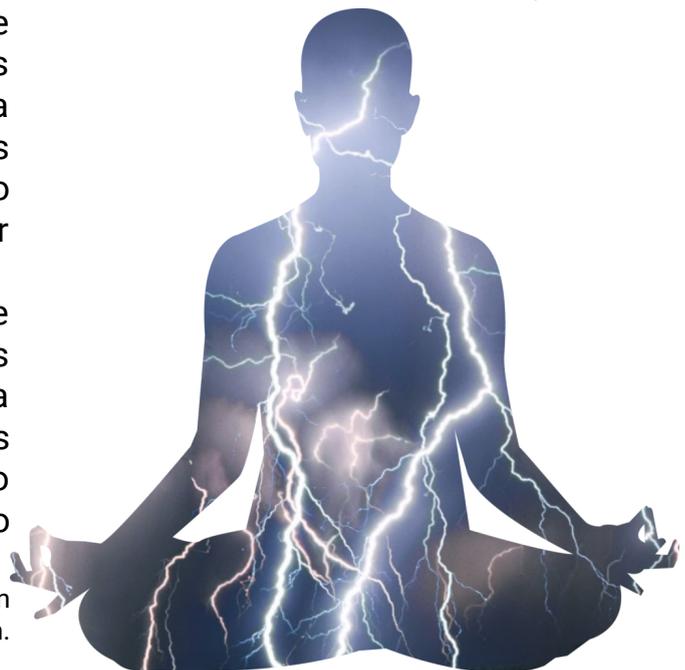
Então descobrimos que no meio dos quases, jazem proezas que não achámos dignas do que queríamos ser, mas que nos fizeram felizes... e o que é o ser senão estar feliz?

Se decidirmos limpar o pó aos sonhos inacabados, podemos voltar a guardá-los numa gaveta... desta vez mais limpa, numa gaveta que será mais vezes aberta porque ganhou vida, era a gaveta dos nossos sonhos encarnados em objetos.

Sem tempestade e a gaveta não teria sido aberta, e eu não saberia que nem tudo era para deitar fora; estavam lá dentro tantas coisas que procurei longe: uma bússola do tempo em que desenhei um coração no sítio do norte, um compasso que afinal não estava avariado; gostava de fazer a espargata recusando-se a desenhar círculos perfeitos, talvez por achar que eram limites à criação, uma sebenta com cálculos matemáticos e corações no meio das equações desenhados pela miúda que se sentava ao meu lado nas aulas, um apara-lápis com um desenho do pierrot oferecido pela minha mãe, talvez para me aguçar um sorriso que quase nunca aparecia...

Em criança não entendia porque diziam os velhos que as tempestades põem tudo no sítio... depois da tempestade passar, talvez as coisas nunca mais sejam iguais, mas é certo que ficaremos a saber onde estarão guardados os princípios dos nossos

Imagem editada através da Fotografia por Clinton Naik, de Unsplash.



sonhos que nos fizeram felizes enquanto acreditamos neles. Não é preciso alcançar o sonho para ser feliz, basta caminhar na sua direção: o coração surgirá no resultado da equação e, se for capaz de entender a bússola, talvez o compasso me desenhe o sorriso que a minha mãe me quis lapidar, porque sonhei com um palhaço triste... a sorrir...

Emoções, Nelson Gomez

Na fúria da dor,
O alívio é justo
por detrás do laço latente
Essa vida parece reluzente.

A dor comanda a vida
As formas são declaradas
No meio da fingidez
As vidas são usadas.

Os poetas fingem, dizia Pessoa
Mas o poeta é uma vida
Uma alma que pode sumir de repente,
Não a podemos ter como adquirida.

O amor é vivido
e sentido com emoção.
A dor também
e não sabemos a razão.

No meio desta situação,
Não temos definição
para as coisas sem coração.

Fotografia por Lum3n, de Pexels.



Crónica 2, Vasco Mendes Luar

Uma princesa ensinou-me como amar! Deitei-a ao mundo e virou princesa dos meus olhos...É estranho mas dificilmente elogiamos um dedo torto em alguém... mas eu sim: Não tivesse os dedos tortos e não seria bailarina! Puxo o lustro nela ao que deito fora nos outros. Depois deitei-a à vida e deixo-a ser livre, como mandam as regras dos pássaros: Olha, vai e aguenta-te, chora, ri, enraivece-te, acalma-te, enraivece outra vez... ouve-me: é por te amar que te lanço nesta vida com asas, mantém-te alta e sobrevive, se voares alto serás livre, irás visitar o céu e voltar sábia... ensinas-me a viver? Pus-te num mundo doente, num

mundo que só sobrevive porque os poetas inventaram a esperança olhando os pássaros, e não te zangaste comigo, soltei uma lágrima agora, não dou a vida por ti porque não é preciso, são coisas que a febre da paixão faz alguns dizer, o teu amor por mim quer-me presente, e eu viajo em ti, sonho contigo desde que nasci. Sussurrou-me deus ao ouvido, que um dia uma fada me ensinaria a viver quando eu já não fosse capaz...deu-te o universo a força dos tornados onde rodopiam unicórnios cor de rosa. Danças em bicos de pés por entre os escombros que a vida deixa para trás, sorris aos mortos porque sabes que estão mortos, outra lágrima, corres não sei bem para onde, vou atrás, as fadas têm asas, tudo o que é mau em mim se afasta quando me lanças esse olhar que é meio meu... Não pertences a ninguém, nem a mim que te pus a voar, desenhei-te com asas e agora queixo-me que estás sempre a voar, mas sorrio por não seres de ninguém. Vou tratar-te das asas, pinta-las com purpurinas que roubei ao arco íris, voa para o meu ombro de vez em quando, e diz qualquer coisa, qualquer coisa serve, desde que me passes um voo rasante de vez em quando... Agora vai, voa, voa mais alto! Podes passar à frente do sol? Sonhei que conseguias...vês como consegues? Podes vir quando tiveres uma asa partida ou estiveres triste, é difícil para ti não voar, és o melhor de mim, és os meus sonhos traduzidos numa linguagem que se entende... as tuas asas são a minha imaginação a ganhar penas em ti...para o ver-te sorrir não há palavras capazes; tento por umas com as outras, como se põem flores numa jarra, mas nunca fica bem, há sempre uma palavra que não está no sítio ou que não serve, nunca vi um poeta descrever o sorriso de uma criança, o que faço é tentar, deviam inventar-se palavras... ou poetas novos!

O mundo onde te pus pode não ser tão belo como tu mas, agora que estás nele, ficou melhor, és o pormenor que faltava na tela; de que serve uma bela paisagem sem um pássaro? Vem pousar-me no ombro, diz que gostas de mim como gostas das árvores! Sou uma árvore! Sinto todos os sonhos do mundo e nada faço! Pousa em mim, pousa nestes ramos que estarão sempre abertos para ti, traz um bando dos teus, se os houver, e ignora um dia a minha morte, porque pássaro ferido não voa e quero que voes... que dances o que não caminhei, que voes o que não olhei, que vivas o que não soube escrever...

Fotografia por Lum3n, de Pexels.



Os olhos do meu subconsciente, Osvaldo Sahopa

Estou cansado de fazer juras de amor comigo mesmo! É aborrecível fechar um negócio maleável entre a consciência e os olhos que são os meus companheiros fiéis. Comprometi-me em nunca mais olhar nos conteúdos que

andam escondidos de baixo da vergonha e fora do pudor que vagueiam dia e noite, nas noites e nos dias que decido sair de casa. Já tentei andar com óculos escuros e nem com isso, me sinto sempre traído e atraído pelas beldades demoníacas que entre cruzam o meu pobre jornada. Tentei ser e pensar contrário ao que sou para não cair em tentação, mas os meus olhos sempre querem o que o meu coração finge não querer.

Já sou e já tenho, mas o meu subconsciente não se contenta com as minhas conquistas. Quero tudo o que vejo!

Mas também não sou culpado! Andam com as pétalas desfolhadas, esfolheando os seus manjares corpulentos pelas ruelas das urbes com o amarfanhado propósito de desfilarem nas passarelas da cidadela e se esquecem que quem olhos tem, olha em tudo que lhe aparece a frente às desejando mesmo sem elas saberem; dizem, mas tenho a plena certeza que elas sabem muitíssimo bem. E não é que elas são mesmo torneiras de beleza!

Eu então tenho compromissos comigo mesmo para não romper as minhas alianças, e por conta disso não posso ficar sempre em casa para fugir do meu próprio ego!

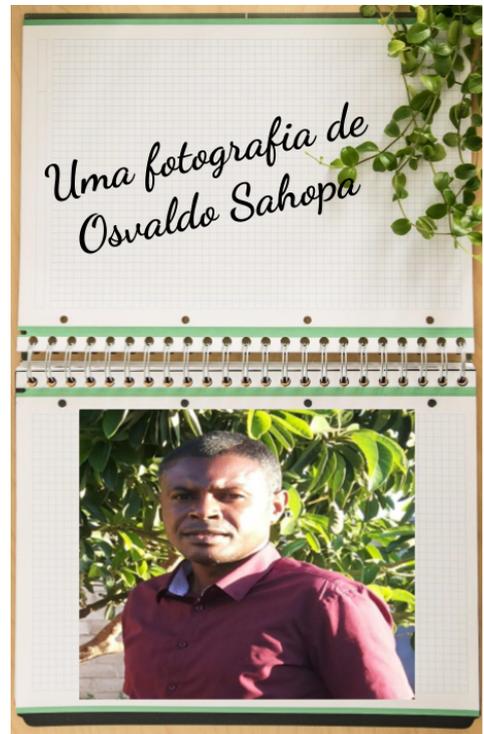
Sempre que saiu a rua vejo coisas que até o pudor se intimida. Rosas desnudadas pela pobre consciência exibindo aquilo que devia estar guardado em setenta e sete chaves douradas para aquele que mereceria ver, tocar, se deliciar e gozar em simultâneo no momento do enlace para deleitar-se da rica "lua de bel". Infelizmente dói-me sempre a mente porque os tais olhos não me ajudam, pois são eles que quando cruzamos com uma cópia do demónio me fazem ver até aquilo que de mais íntimo ela tem. A minha mente se corrompe e sobe com o auxílio dos meus assanhados olhos até lá, vendo a imagem bem desenhada provocando um delírio tremulado em toda a minha estrutura.

Não posso ficar em casa por causa disso, mas também não quero ser comparsa do demónio olhando aquilo que já tenho em meus aposentos. Cair em tentação é uma coisa, mas se entregar a elas é outra situação. Caiu e me entrego a elas ou me levanto e me solto dessas mediocridades e aterrorizantes malícias? Já sei!

Sempre que for as ruelas da minha vila e me cruzar com tais malfeitorias e deturpada nudez olharei para o meu coração e em simultâneo a amaldiçoarei dizendo, sai satanás da minha vida e dos meus caminhos!

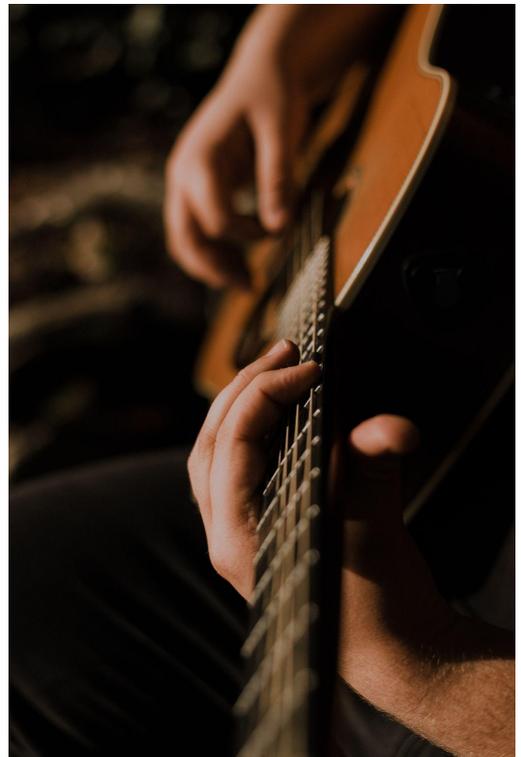
Fotografia por Lum3n, de Pexels.

Crónica 3, Vasco Mendes Luar



Algumas coisas são muito tristes para aqueles que não tratam a tristeza por tu, não para mim, que sinto para além dela. Os seus ciúmes devem ser quase mais fortes que ela já que não me pode ver dar um sorriso (ainda que falso), que fica logo de pulga atrás da orelha; sorte tem em ser mulher, a tristeza, assim não desiste de se fazer de convidada para jantar, o raio da mulher. A verdade é que sabe que não tenho muitas vezes companhia para jantar e então abro-lhe a porta, esta mania que tenho de dar atenção a toda a gente, como lhe hei-de dizer que não devia existir? Quem sou eu para o dizer, ainda mais depois dos momentos que temos passado juntos em que até é boa companhia, por vezes... é que sou bem capaz de inventar uma boa companhia se não tiver nenhuma, e é-me fácil imaginar uma tristeza mais triste que ela, e ela sabe-o bem, por isso me passa logo a mão pelo cabelo e me diz que não preciso ficar triste - eu estou aqui p'ra ti - nunca me abandona. As mulheres e a mania de que nenhuma outra é melhor que elas! No outro dia em Sintra, a caminho da quinta da regaleira, vi um homem fazer amor com uma viola, tocava uma música, talvez sevilhana, que me entrou nos ossos de tal forma, que não tive forma de não o venerar. Olhou para mim duas vezes, uma para dizer, obrigado por ouvir, outra de sebrancelha franzida para dizer: que mais hei-de fazer se não isto? Ela (a guitarra) faz-me ser alguém! Claro que também resmungo, é mulher! Mas toco-a devagar e com sentimento e ela, não só me perdoa a pedra que sou, como me devolve em dobro as festas que lhe faço nas cordas! Já estranhava a falta da minha amiga tristeza quando me apareceu para me abraçar, não suportou que sorrisse ao de leve ao ver um casal tão bonito. Sábio o homem que soube dar o seu tempo a uma mulher de cordas firmes que nunca o deixaria ficar mal; não ri, mas também não chora; partilha o bom que traz com ele em troca de umas moedas para a sandes de presunto, não quer enriquecer num palco, quer ser reparado por poucos, quem precisar que ouça, ouvi-o dizer numa passagem de dedos acompanhado de um fechar de olhos que aproveitei para ir embora. Vieste buscar-me, tristeza? - perguntei-lhe eu - abraçou-se a mim e, em passos de marcha fúnebre, lá me lembrou com o seu habitual silêncio, que nunca me abandonaria, muito menos numa hora como aquela, em que mais um homem sábio me ensinara a viver. Vem tristeza, não me deixes agora, vou precisar de ti até adormecer, tenho-te dito que não te quero na minha vida, mas hoje podes ficar na minha cama...

Fotografia por Priscilla Du Preez, de Unsplash.



Escrita Perdida

O Bordel, John Miller

Plataforma utilizada	Wattpad
Estado	concluído
Tamanho	1 capítulo
Categoria/Gênero	Original
Sinopse	O que acontece quando marido e mulher encontram-se num bordel?

Rabiscos de Diana Pinto

O Bordel, de John Miller, é um conto de capítulo único e de leitura rápida que fala sobre traição.

Publicado na plataforma Wattpad, é um conto original narrado em terceira pessoa.

Quanto às personagens, ele é um homem casado, há uns onze anos talvez (confirmando que nem o próprio narrador sabia ao certo e nem mesmo o próprio personagem), de 37 anos chamado Arnaldo. Ouviu os colegas do trabalho comentarem que o local era bom e, mesmo hesitando por um tempo, decidiu visitar o bordel.

Ela tem o nome de Luana. O narrador não se centra muito nela nos primeiros momentos do conto, apenas se entende que a relação do casal não é a mais saudável.

Tudo avança a um ritmo frenético a partir do momento em que o casal se encontra no bordel.

É um conto com pouca surpresa, porém muito bem escrito.



Fotografia por Eric Nonapen, de Unsplash.

Can you keep a secret?, Suzanny Santos

Plataforma utilizada Blogger

Estado concluído

Tamanho 10 capítulos

Categoria/Gênero Mini-fic, Suspense, Drama

Sugestão Vanessa

Sinopse Você fazia eu me sentir vivo. Era a única pessoa que eu tinha e agora está tudo acabado. Você se lembra de quando tudo começou? Não existia mais ninguém, só eu e você. Então ele apareceu e tudo passou, tudo mudou. Você fazia muitos planos e eu só queria estar por perto. E agora você está sempre ao lado dele. Eu não tenho mais aonde ir. O ódio me consumia! Eu queria te ver longe dele, pra sempre. Mas você não queria recomeçar então a culpa não foi minha. Perdi minha vida pra manter vocês juntos então por favor, não sinta pena de mim.

Rabiscos de Elisa Rodrigues

“Can you keep a secret?”, de Suzanny Santos, é uma fanfic de 10 capítulos com prólogo que usa o ponto de vista saltitante entre as diferentes personagens para contar a história dos irmãos Joseph e Nicholas Jonas, Demetria e Miley Lovato, e Wilmer e Nicole Valderrama.

Numa noite normal, Nicholas ajuda o irmão Joseph a fugir da prisão, após este ser acusado de pedofilia. Um dos outros reclusos, Wilmer, descobre-os e ameaça-os para que o levem com eles. Mais tarde nessa mesma noite, Miley Lovato é atacada na própria casa e violada. A polícia acaba por marcar como suspeitos os dois fugitivos.

Em termos técnicos, não há muito a apontar. Nota-se o cuidado da autora em relação à ortografia e à gramática. Contudo, a história é difícil de seguir, saltando no tempo e na ação muito rapidamente. Faz uso dos clichês românticos, no entanto de forma pouco ideal: a violência dos atos descritos é romantizada e tratada de forma leviana.

Embora a premissa seja boa, a execução, infelizmente, não foi a melhor, pelo menos no que toca aos temas abordados. Deixo ao critério do leitor, se deseja ler ou não.



Fotografia por Kristina Flour, de Unsplash.

Tudo o que falo soa como flores mortas, Madu Duarte

Plataforma utilizada	Wattpad
Estado	concluído
Tamanho	1 capítulo
Categoria/Gênero	Original, Romance
Sinopse	Quando a marca em seu corpo brilhar, você saberá que é a pessoa certa. Patrick nunca entendeu porque a dele estava escrita em inglês, tal como nos filmes românticos, o rapaz buscava sua alma gêmea. Porém, no jardim que florescia amor, a chuva veio para alagarmos. Um conto sobre as flores mortas que desabrocham em mim.

Rabiscos de Diana Pinto

Tudo Que Falo Soa Como Flores Mortas, de Madu Duarte, é um conto original com apenas um capítulo publicado na plataforma Wattpad.

É um romance entre os personagens Eleanor e Patrick. Um romance com um gosto amargo, quase como um drama de um primeiro amor despedaçado.

A autora usa uma escrita poética, faz comparações e cita Luís Vaz de Camões, o poeta português (“Um contentamento descontente que arde sem se ver”).

Ao longo da narração, vamos descobrindo o interior destes protagonistas, que estão ambos despedaçados à sua maneira. Ele nunca teve amigos ou família, ela trabalhava na floricultura.

A autora Madu faz lembrar autores lusófonos famosos como, por exemplo, Fernando Pessoa ou Carlos Drummond de Andrade, ou até mesmo o próprio Luís Vaz de Camões.



É um conto apaixonante, curto, para quem gosta de ler um bom romance, ou simplesmente para quem gosta de escritas poéticas.

Tudo Que Falo Soa Como Flores Mortas foi publicado no livro “As Lágrimas do Desconhecido”, uma coletânea lançada pela autora.

Fotografia por Evelyn Bertrand, de Unsplash.

Páginas no escuro

Contos de Prata, Athos Ronaldo Miralha da Cunha

Edição Actual	Editora Penalux
Ano de Publicação	2020
Tamanho	128 páginas
Género	Literatura Brasileira
Sinopse	Estes Contos de Prata trazem personagens silenciosos, saudosos, sábios e revoltados. Alegres, submissos e contemplativos. Mas traz também toda gama de conhecimento que somente a passagem dos anos proporciona. Nestes tempos em que bandidos estão nos noticiários e muitos tornam-se bandidos de estimação, aqui também temos velhinhos bandidos e assassinos. Afinal de contas, o diabo sabe, não porque é sábio e sim porque é velho. Escolha seu velhote de estimação e boa leitura.

Rabiscos de Diana Pinto

Contos de Prata, de Athos Ronaldo Miralha da Cunha, é um livro de contos de literatura brasileira, que pertence a uma trilogia.

O primeiro livro, "Contos de Chumbo", foi a primeira obra. Tinha como pano de fundo o período dos governos militares no Brasil.

O segundo livro, "Trilogia dos Metais", falava sobre a velhice.

Este último livro que recebe resenha pela Revista Rabisca, "Contos de Prata", traz personagens silenciosos, saudosos, sábios e revoltados. Alegres, submissos e contemplativos, tal como nomeia a sinopse.

Realmente, a obra faz jus a todos estes adjetivos.

Começa por nos ser apresentado o narrador do primeiro conto, Carlos, que, na verdade, não é o seu verdadeiro nome. A história contada é verídica, mas o personagem é fictício.

Escrito em primeira pessoa, o leitor sente-se envolvido no enredo. Começa a entrar na vida deste "Carlos" que, hoje, é um pacato cidadão ancião, mas que antes trabalhava no serviço público.

No meio da sua história, temos também nomes verídicos, como o nome do amigo dele.

A cada capítulo que passa, o protagonismo é dada a outra personagem e o leitor tem uma outra história a abraçar. Ora narrada em primeira pessoa, ora em

terceira pessoa. Falando concretamente do autor, mostra escrever com bastante facilidade das duas formas.

Esta obra é um drama, em que lemos sobre vidas cruéis, momentos tristes, perdas, mas, acima de tudo, fala sobre a vida real.

Quanto a leitores de outras nacionalidades, mesmo sendo um livro de literatura brasileira, penso ser de fácil leitura para quem é de outro país que fale a língua portuguesa, mesmo tendo palavras mais tipicamente brasileiras como, por exemplo, “picolé” ou “guri”, mas a maioria dos leitores entende o seu significado.

É uma boa obra a ser lida para quem gosta de contos breves e de passar bons momentos.



Esq.: Capa do Livro “Contos de Prata”
Dir.: O Autor Athos Ronaldo Miralha da Cunha

Jesus Cristo e a História do Cu, Gervânio Cabral

Edição Actual Ideias de Ouro, SA
Ano de Publicação 2019
Tamanho 20 páginas
Gênero Conto
Sinopse Indisponível

Rabiscos de Elisa Rodrigues

“Jesus Cristo e a História do Cu”, de Gervânio Cabral, é um daqueles contos que das duas uma: ou agarramos por achar piada ao nome ou ignoramos por achar escandaloso.

A história segue alguém que o narrador denomina congolês, um jovem que passeia a meio da noite inebriado por um jardim que pouco se assemelha a um jardim e acaba por adormecer num banco de pedra. Quando volta a si mesmo, encontra uma figura especial que lhe conta um conto.



Em poucas palavras, Gervânio fala-nos da perspectiva, da verdade, da subjetividade de cada parte e lembra-nos uma importante lição de vida, utilizando uma escrita informal que leva o leitor a pensar que está a ouvir o conto e não a ler.

É um conto interessante cuja escrita parece pisar a linha entre o sarcástico e o filosófico.

Uma leitura muito interessante, divertida e elucidativa. Recomendo a sua leitura.



Esq.: O autor Gervânio Cabral

Dir.: Capa do Livro "Jesus Cristo e a História do Cu"

Os Papiros de Ravena, Waldir de Assis Júnior

Edição Actual Chiado Books

Ano de Publicação 2021

Tamanho 140 páginas

Género Coleção Viagens na Ficção

Sinopse Quais são os limites que a busca pela realização pessoal pode nos apresentar? Ou lutar por esses objetivos não possuem limites? Um professor, pretendo escritor, ou um escritor consagrado? Na busca de sua inspiração, um anti-herói enfrenta uma verdadeira epopeia que ultrapassa todas as barreiras éticas e de caráter, contendo muitas referências literárias e do universo Nerd, Geek e de cinema!

Rabiscos de Elisa Rodrigues

"Os Papiros de Ravena", de Waldir de Assis Júnior, é um livro que consiste em seis capítulos espalhados por 140 páginas que seguem um professor/escritor na sua busca incessante por inspiração e criatividade à medida que se enfia de pés juntos em situações muito caricatas.

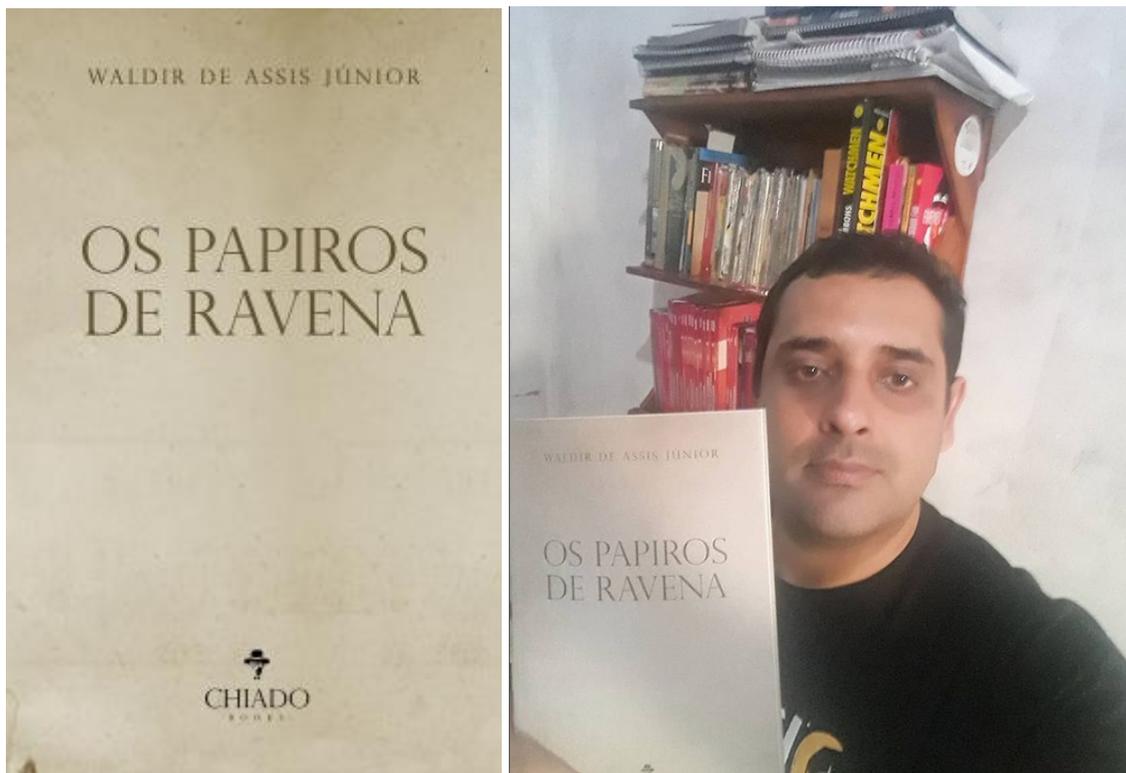
Os capítulos começam com citações de Graciliano Ramos, Getúlio Vargas, ET Bilu, Petrus Alphonsi, Louis L'Amour e Samuel Butler, ilustrando bem o capítulo a ler e a visão que o narrador pretende passar sobre o mundo que o rodeia e ao protagonista.

O primeiro capítulo conta-nos sobre o sucesso que o protagonista professor/escritor adquiriu com o seu primeiro livro, um *Best Seller*, e mostra-nos como esse livro foi escrito e como o protagonista se sente em relação ao livro, ao seu trabalho e aos seus alunos. É um capítulo bastante intenso mas que cria uma base e um precedente justificativo para todas as situações caricatas que envolveram o professor ao longo do livro.

À primeira vista, o narrador do livro e o protagonista parecem tecer uma crítica à sociedade, à educação e ao sistema educativo. Contudo, rapidamente se torna óbvio que há muito mais escondido. Nomeadamente, a excentricidade do protagonista cujos comportamentos narcisistas e fúteis o levam a ser visto como vilão.

Pode-se dizer que é um livro que aborda a realidade da escrita, embora de modo exagerado, traduzindo a frustração e a luta constante que muitos artistas vivem na sociedade hoje em dia, combatendo não só a falta de inspiração, como também o plágio e o roubo a que estão sujeitos, entre outras dificuldades que o protagonista não só sente como também causa aos que o rodeiam.

O final, embora repentino e violento, é satisfatório. E, só por isso, já recomendaria a leitura, com talvez um dicionário ao lado. Não só entretém como aspira a ensinar e a trabalhar a literacia do leitor.



Esq.: Capa do Livro "Os Papiros de Ravena"
Dir.: O Autor Waldir de Assis Júnior

Trovão Distante, Willian Ferreira Lessasso

- Edição Actual** Chiado Books
- Ano de Publicação** 2021
- Tamanho** 571 páginas
- Género** Colecção Viagens na Ficção
- Sinopse** – Aonde ele está?– Ele perguntou aos que estavam fora.
- Não escutei resposta de ninguém, e Mattis adentrou a capela, e da porta começou a conversar comigo.
- Escreverei cartas de meu próprio punho as famílias deles... –
- Eu já fiz isso... – Respondi sem me virar, ainda olhando para a frente.
- Eu perdi muitos amigos e entes queridos nesta guerra Max, e sei como você se sente... Max, nada no mundo vai substituir seus camaradas, mas se você continuar conosco você pode justificar o sacrifício deles... – Mattis argumentou.
- Porque? Porque eu deveria justificar a morte deles? Estou cansado de justificar a morte dos outros!– Respondi com desprezo.– Eu me lembro... A muito tempo atrás, no escritório de meu pai... Onde ele me falou que havia um preço em ser um herói, que havia um motivo de meu avô não me contar nada além de suas vitórias e conquistas, e não de suas perdas e derrotas. Eu dispensei suas palavras com desprezo... Achei que era mais um de seus sermões... Para me dissuadir de meu sonho.– Mattis continuou em silêncio, e sem perceber continuei falando,
- No fundo, eu queria que tudo isso acontecesse... De encarar a face da guerra, e me tornar uma lenda no mundo, aonde os homens choram longe de suas mães e ninguém pode nos impedir. Aonde somente a realidade reina... Feroz e brutal.– Lágrimas desciam de meus olhos, porém Mattis não as via caindo, ele continuava imóvel, e em silêncio na porta da capela.
- Eu estava intoxicado por isso... E essa é minha realidade agora. E o preço... É grande demais para eu suportar.– Desabafei com os olhos ainda marejados.

Rabiscos de Diana Pinto

Trovão Distante, de Willian Ferreira Losasso, é uma obra de literatura brasileira que se passa num cenário de guerra e destruição.

O protagonista é o jovem Max Wolff Filho, que deseja seguir os passos do avô paterno e tornar-se piloto, querendo também ter uma história de carreira tão incrível quanto à que o avô teve.

O “antagonista” desta obra é o pai de Max, que não permite que o rapaz realize os seus sonhos. O pai é um político influente, ele não quer que o filho faça os seus sonhos se concretizarem, pois não quer sofrer novamente. O pai sofre um pouco a dor que já tinha passado com o próprio pai.

Claro que o relacionamento entre Max e o pai não é bom, mas fica pior ao longo dos capítulos, devido à força de vontade do rapaz que deseja seguir os passos do avô.

O leitor vê-se envolvido no meio das dificuldades de Max em tornar-se piloto e talvez deseje que o rapaz concretize o seu sonho. No entanto, também percebemos que a vida de piloto não é fácil e Max muda um pouco a sua personalidade ao longo do livro.

Pessoalmente, devo dizer que é a primeira vez que leio (e resenho) um enredo narrado pelo ponto de vista de alguém diretamente ligado à guerra. Normalmente, quando lemos livros sobre aviação, exército e afins, temos um narrador um pouco mais ausente, que se limita a narrar. Aqui, o Max narra o livro por completo e pode ser uma leitura estranha para alguns leitores. É uma perspectiva diferente.

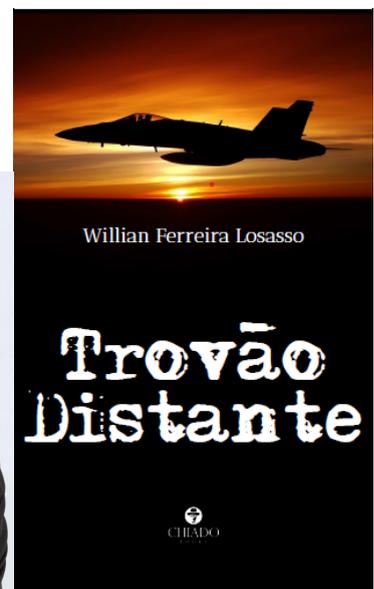
Esta é uma obra em que conhecemos muito sobre o Max, sobre o tipo de personagem que ele é no início do livro, a forma como ele se altera para conseguir concretizar o seu sonho. O leitor sofre com ele, ama com ele e é uma ligação interessante.

O autor também descreve muito bem as situações e os lugares e o leitor consegue facilmente visualizar na sua mente o que acontece na obra.

Penso que o único ponto negativo é em questão de ortografia. Alguns erros são encontrados ao longo da obra, mas penso serem “um mal menor”.

Recomendo a leitura deste livro para leitores maiores de 16 anos, pois contém algumas cenas mais pesadas. É um livro que se passa num meio de guerra, lembrando.

Esq.: O Autor Willian Ferreira Losasso
Dir.: Capa do Livro “Trovão Distante”



Centelha Curiosa

À conversa com Letícia Mariana

Antes de começarmos com a literatura, fale sobre a pessoa. Quem é Letícia Mariana? O que faz e de onde vem?

Letícia Mariana é luta! Estuda, escreve, vive no espectro autista e tenta conviver normalmente com isso, chora e às vezes exagera na cafeína (risos). Sou um ser humano intenso – sem ser chato – e muito dramático! Costumo ser bem romântica, também.

A autora Letícia Mariana.



Conte-nos como começou a sua viagem neste mundo das letras. Quando surgiu o gosto pela escrita?

O meu gosto pela escrita surgiu bem cedo! Aos sete para oito anos de idade, quando eu escrevia para o extinto jornal 'O Globinho', jornal infantil brasileiro. Isso foi em 2008, eu era apenas uma criança que queria brincar de escrever. Quando me tornei adolescente, preparei e lancei meu primeiro livro!

Logótipo de "O Globinho".



Como define a sua escrita? Como é que a escrita influenciou e/ou continua a influenciar a sua vida?

Defino minha escrita intensa. Sempre penso que ela me influencia em todos os momentos da minha vida! Eu respiro literatura. Eu amo escrever e não quero parar! A intensidade das minhas letras faz parte da minha trajetória.



Qual o processo geral? Faz rascunhos ou anotações? Prefere escrever à mão e depois no computador? Qual o seu ritual, por assim dizer?

Depende muito, mas eu adoro um rascunho! Amo escrever em praças, restaurantes e cafeterias, sem ligar para o que os outros pensam. Claro que preciso passar para o computador depois, e às vezes pulo o meu ritual do rascunho por pura ansiedade!

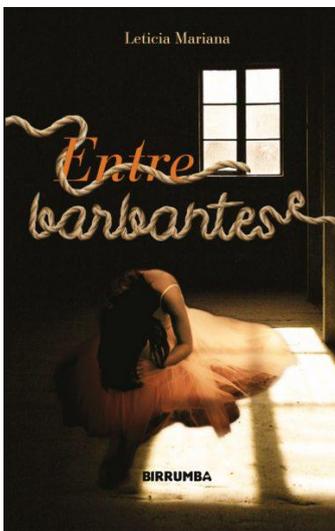
Fotografia por Toa Heftiba, de Unsplash.

Sobre a sua primeira obra publicada: o que iniciou a sua escrita e como foi a experiência?

Eu pensava que seria uma obra apenas de poemas, inclusive preparei tudo para que fosse. Mas tive um sonho assustador com a personagem principal, Vitória. Pensei muito e resolvi dar vida ao que vi nos sonhos!

É uma autora que escreve não só em prosa como em poesia. Que dica daria aos escritores para conseguirem escrever das duas formas?

Leiam muito! Leiam de tudo, e treinem muito! Não é necessário entrar em cursos de escrita criativa, nem todos se adaptam. Uma boa leitura e bastante treino já é o suficiente.



Capa do livro "Entre Barbantes"

Qual foi a inspiração para "Entre Barbantes" e "Intelectodrama"?

Entre Barbantes foi um misto de sensações! O sonho, os poemas e muito trabalho. Foi um livro muito difícil de ser concluído! Já o Intelectodrama foi um susto, pois a Editora queria um livro meu e me chamou, confesso que eu corri um pouco para escrevê-lo. De qualquer forma, eu estava em um péssimo momento de minha vida, então ele ficou dramático, assim como o título sugere.



Capa do livro "Intelectodrama"

Quem a inspira? Tem autores preferidos ou outros "ídolos" que inspirem a sua escrita? Tem obras de outros ou gêneros específicos que estimulem a sua criatividade?

Claro! Clarice Lispector, Drummond e Fernando Pessoa me inspiram muito, assim como Raphael Montes me inspira na parte do suspense.



Da Esquerda para a Direita: Fotografias de Clarice Lispector (Fonte: Portal da literatura), Drummond, Fernando Pessoa e Raphael Montes (Fonte: Wook).

Dentro de tudo o que já escreveu, existe alguma personagem ou peça que seja o seu EU literário? Ou existe alguma com a qual se identifique mais?

Vitória é a minha personagem favorita do Entre Barbantes! É o meu eu literário, de fato. Já em Intellectodrama, amo muito o poema "Incurável".

Em relação aos seus projetos literários atuais e futuros, está a trabalhar algum neste momento que queira mencionar?

Estou escrevendo muitos livros, mas o que eu quero lançar já está pronto. É um livro infantil sobre autismo, diferente de tudo que já fiz nesta minha caminhada. Estou entusiasmada e esperando uma oportunidade!

À conversa com Willian Ferreira Losasso

Antes de começarmos com a literatura, conte-nos sobre si. Quem é Willian Losasso? O que faz e de onde vem?

Sou nascido e criado em uma cidade chamada Marília, no interior de São Paulo. Atualmente sou Analista de Suporte Externo na Weblin Sistemas, realizando implantações de sistema legislativos, executivos e treinamentos de funcionários nas câmaras e prefeituras do Brasil. Sobre minha pessoa, não há muito o que falar, sou só um trabalhador assalariado de família humilde com muita ambição. O projeto da minha vida é o livro que publiquei, *Trovão Distante*.

Conte-nos como começou a sua viagem neste mundo das letras.

Quando surgiu o gosto pela escrita?

Quando criança, lia muitos gibis, dos mais variados tipos. Comecei criando pequenas histórias em quadrinhos, eu desenhava e criava minhas narrativas. Na adolescência, com o salário do meu primeiro emprego, comprei uma guitarra. No meu computador, tentava compor algo e escrevia algumas músicas, baseadas no que ouvia na época. Ao perceber que tinha zero talento para música, vendi o instrumento e estas canções se perderam. Uma década depois, em 2016, intensificou-se dois hobbies em minha vida, minha paixão por história e vídeo-games. Ao ler os feitos de grandes homens e mulheres do mundo, e das histórias fictícias que jogava, cresceu em mim a vontade de criar algo semelhante. Neste momento só tinha ideias e anotações, nada concreto do que escreveria. Em junho de 2018, após uma epifania, decidi escrever o melhor livro que pudesse, continuei anotando minhas ideias e os esboços iniciais do meu livro surgiram. Em dezembro de 2018, comprei um curso de escrita online. Com este conhecimento, finalmente o alicerce do meu livro existia! Passei 2019 e 2020 pesquisando e escrevendo diariamente, até que em dezembro de 2020 o manuscrito do livro *Trovão Distante* ficou pronto.

Como define a sua escrita? Como é que a escrita influenciou e/ou continua a influenciar a sua vida?

Enquanto escrevia meu livro, pesquisava na história da humanidade e nos vídeo-games inspiração e influências. Muito do caráter destas personalidades reais e fictícias incorporei em minha vida. Por exemplo o imperador Marcus Aurelius, estoico e filósofo, escreveu muito de seus pensamentos em um livro chamado “Meditações Diárias”, é um livro que tento sempre seguir em risca seus exemplos. Um segundo exemplo que posso citar é o personagem “Commander Shepard” da série de jogos Mass Effect. Seu valor, integridade e coragem contra inimigos cruéis e adversidades desesperadoras inspira estes mesmos sentimentos em minha pessoa.



Esq.: Marcus Aurelius. Dir.: Capa do jogo/vídeo-game “Mass Effect”

Qual o processo geral? Faz rascunhos ou anotações? Prefere escrever à mão e depois no computador? Qual o seu ritual, por assim dizer?

Comecei em um caderno, anotando toda ideia que tinha, incluindo a montagem das cenas e toda informação necessária para construir o mundo e a história que queria. Depois quando comecei a escrever diariamente, foi no computador. Quanto a ritual de escrita, tenho meus macetes. Escuto músicas, sons de certos ambientes, assisto cenas de filmes e séries que me passem os sentimentos que procuro passar para minha escrita. Quanto a horário, depende, por um tempo escrevia após chegar do trabalho as 9 da noite, depois em certa parte do livro acordava as 5 da manhã e escrevia até sair para o trabalho a sete.

Sobre a sua primeira obra publicada: o que iniciou a sua escrita e como foi a experiência?

Como já comentei, tive uma epifania em 2018, e decidi construir o legado de minha vida na forma de um livro. Quanto a experiência em si, foi exaustiva e

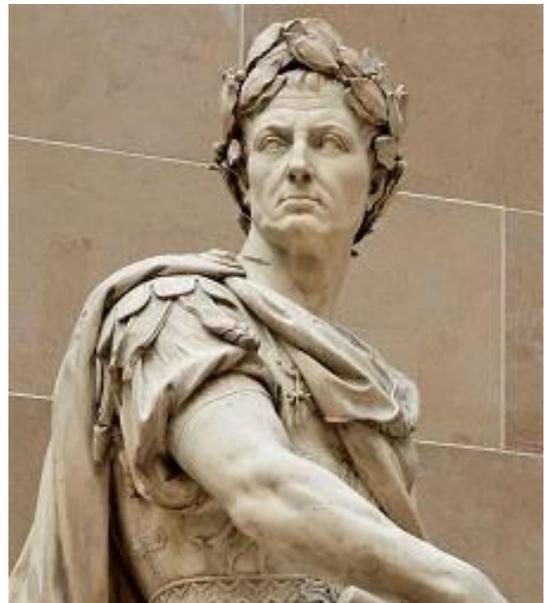
gratificante, ver o resultado final nos sites e livrarias me enche de orgulho, meu livro é muito bom e sei que quem leu, gostou muito. Agora conto com a ajuda de Deus para que meu livro ganhe o empurrãozinho necessário para o sucesso mundial.

Nesta mesma edição, o seu livro “Trovão Distante” recebeu crítica. Fale-nos um pouco sobre o processo de escrita. Como surgiu esta história?

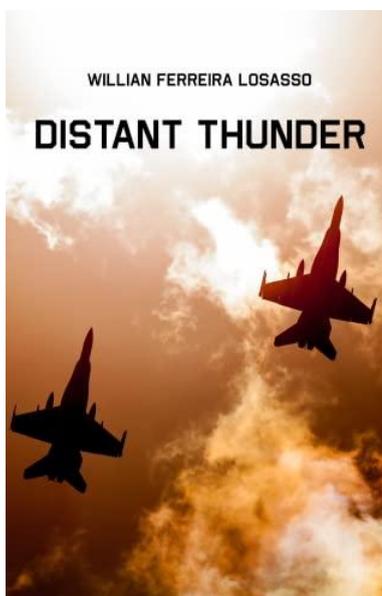
Minha história une minha paixão por história e todas as mídias de entretenimento que tive contato durante minha vida. É uma amálgama entre ficção e realidade, há dezenas de referências histórias e dos vídeo-games, filmes e livros que li durante minha vida. Quem lê meu livro aprende bastante sobre história e as coisas que amo.

Quem o inspira? Tem autores preferidos ou outros “ídolos” que inspirem a sua escrita? Tem obras de outros ou gêneros específicos que estimulem a sua criatividade?

Me inspiro em grandes homens da história, como por exemplo Gaius Julius Caesar, que até hoje recebe flores em seu túmulo na Itália. Quero marcar meu nome neste mundo com meu livro e o mundo que criei, e que mesmo após um milênio, que as pessoas levem flores ao meu túmulo e me prestem homenagens.



Gaius Julius Caesar.



Em relação aos seus projetos literários atuais e futuros, está a trabalhar algum neste momento que queira mencionar?

Recentemente, em fevereiro, traduzi o livro Trovão Distante para a língua inglesa. De nome Distant Thunder, fiz a publicação pela Amazon Kindle, e tenho grandes expectativas para o mercado internacional.

Capa do livro “Distant Thunder”.

Panorama de Apreciação

Este mês, trazemos artigos informativos sobre algumas notícias literárias que achamos importante (re)visitar.

Projeto da coleção de livros Conto com Você

A empreendedora Fernanda Vernilo criou o projeto da coleção de livros Conto com Você pela necessidade de livros que abordassem temas como desmame e desfralde.

Esta coleção de literatura infantil auxilia crianças a lidar com temas difíceis. Aborda temas como luto, divórcio e cancro infantojuvenil.

Até para quem é adulto, lidar com estas questões exige equilíbrio emocional. Mas, com as crianças, abordar de forma lúdica, por meio de livros, pode ser o caminho para iniciar o assunto de forma mais compreensível e humanizada.

Os livros podem ajudar famílias e educadores a lidar com momentos de transição importantes para as crianças como a hora de deixar as fraldas, ou ainda de lidar com a morte de alguém próximo.

Fernanda Vernilo trabalhou durante dez anos como Relações Públicas, mas quando se tornou mãe, percebeu essa falta de livros infantojuvenis.

Conheça o site da coleção Conto com Você:

<https://colecaocontocomvoce.com.br/>



Logótipo do Projeto como encontrado no site oficial.

Tradutor árabe d'Os Lusíadas descobriu Portugal graças a José Saramago

Na edição anterior da Revista Rabisca, informámos que a obra Os Lusíadas iria ser traduzida para o árabe.

Abdeljelil Larbi, tunisino, professor de árabe e de Literatura Árabe na Universidade Nova de Lisboa é o tradutor da obra.

Foi em 1998, com a notícia do Nobel da Literatura para José Saramago que o professor descobriu Portugal. Um país pequeno como a sua Tunísia, mas como uma história bastante rica, assim como o seu país de origem.



De um dia para o outro várias entrevistas eram feitas ao autor José Saramago e depressa Portugal cresceu no meio literário.

A obra Os Lusíadas acaba de ser editada com tradução para o árabe, inédita até hoje, apesar de no dia 12 de Março passarem 450 anos sobre a primeira edição da obra de Luís de Camões, durante o reinado de D. Sebastião.

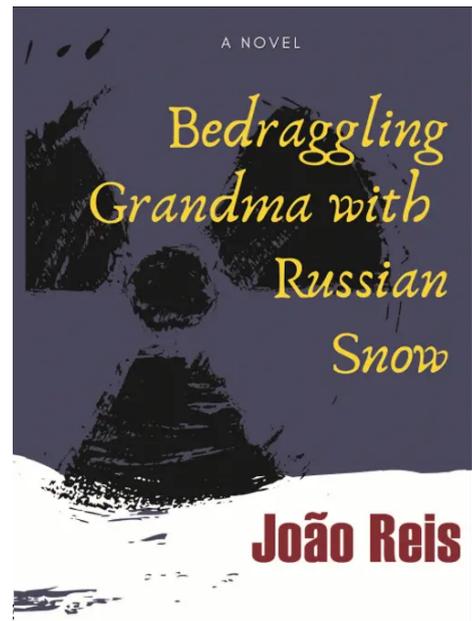
Fotografia de Abdeljelil Larbi como encontrada nas suas redes sociais.

Autor português nomeado para o Prémio Literário Internacional de Dublin

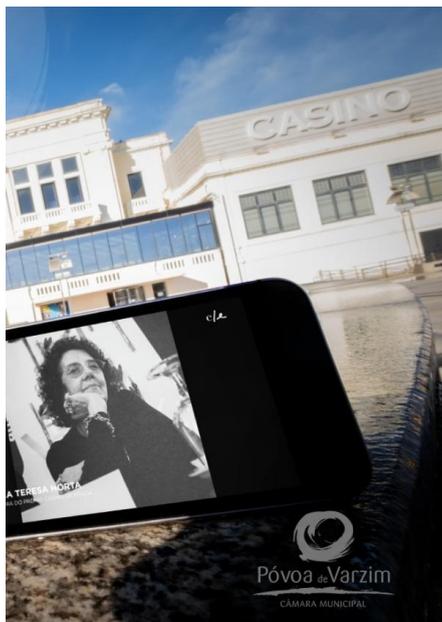
O escritor João Reis é um dos nomeados para o Prémio Literário Internacional de Dublin 2022 com o livro “Bedraggling Grandma With Russian Snow”.

O autor português faz parte da lista longa escolhida por bibliotecas de todo o mundo, da qual constam autores oriundos de 40 países. As nomeações incluem 30 romances em tradução, abrangendo 19 línguas, e 16 romances de estreia.

O Prémio Literário de Dublin é organizado pela autarquia da capital da Irlanda e gerido pelas bibliotecas públicas da cidade.



Capa do livro nomeado “Bedraggling Grandma with Russian Snow”, de João Reis.



Prémio Literário Casino da Póvoa 2022

A autora vencedora do Prémio Literário Casino da Póvoa 2022 foi a escritora portuguesa Luísa Costa Gomes, com o livro “Afastar-se”, uma obra de contos. Esta é a primeira vez que um livro de contos vence o Prémio.

O Prémio foi atribuído no âmbito do encontro literário Correntes D’Escritas, na Póvoa do Varzim.

“No domínio da escrita, o trabalho da autora persiste com rigor constante”, destacou o Júri, constituído por Ana Maria Pereirinha, Carlos Quiroga, Carlos Vaz Marques, Isabel Lucas e Isabel Pires de Lima.

Fonte: Câmara Municipal de Póvoa de Varzim

A livraria portuguesa de “Emily In Paris”

Na segunda temporada da popular série da Netflix, “Emily In Paris”, é avistado um cenário real. Trata-se de uma livraria lusófona chamada Librairie Portugaise & Brèsilienne.

Fica num dos quarteirões mais nobres da capital francesa e foi fundada em 1986 por Michel Chandeigne, de 65 anos, que gere a livraria com a jovem Corinne Saulneron.

Michel Chandeigne viveu em Lisboa e apaixonou-se pela cultura lusófona e a sua dimensão. O criador não tem nenhuma ligação familiar a Portugal, simplesmente foi nomeado como professor de Biologia no Liceu Francês, em

Lisboa, em 1982. Rapidamente tornou-se tradutor de obras de autores conhecidos, como Fernando Pessoa e Sophia de Mello Breyner.

Fotografia da livraria, encontrada na página de Facebook oficial da mesma.



Lançamentos dos Parceiros

Este mês de Março, o parceiro Ésobrenós Editora confirmou o lançamento de “É assim que alavancam resultados”, de Nicolau António, no dia 12.

Não percam este novo livro disponível em breve.

Os lançamentos do mês são todos confirmados até ao dia 1 desse mês. Por esse motivo, poderá haver mais lançamentos anunciados após essa data pelos parceiros, para o mês em questão, que não sejam mencionados pela Revista. Caso tenha interesse, aconselhamos sempre a visitar as páginas oficiais dos parceiros para mais informação.

#esobrenós EDITORA LANÇAMENTO

É ASSIM QUE SE ALAVANCAM RESULTADOS
DE NICOLAU ANTÓNIO

DATA: 12 DE MARÇO | ÀS 16 HORAS
LOCAL: CENTRO EMPREENDER
TRANSFORMA | ALVALADE | RUA
FERNÃO M. PINTO, 57

ALEXANDRE ALEXANDRE
Apresentador
DOCENTE UNIVERSITÁRIO,
EMPREENDEDOR E
ESCRITOR

JANETH LABORINHO JALA
Mestre de cerimónias
ENGENHEIRA DE
PEDAGOGIA E MESTRE DE
CERIMÓNIAS

JOÃO MUIBI PEDRO
Apresentador
GESTOR DE RH E
TRAINING

@esobrenoseditora_oficial +244 924 477 532 | 919 146 296



Gostaram da Revista?

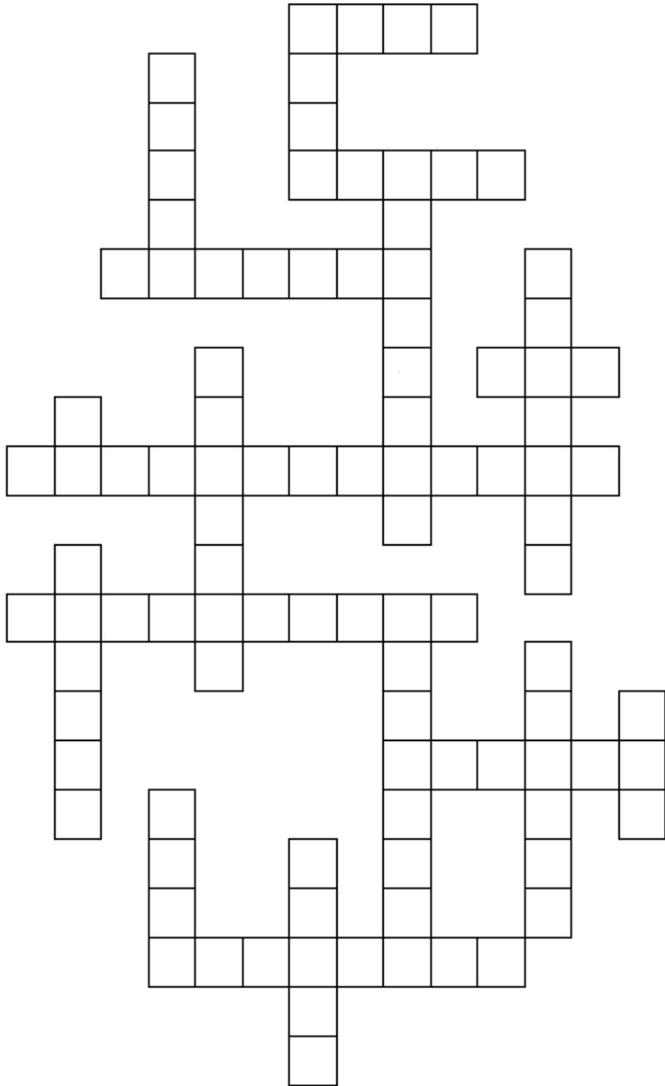
Conheça, também, as preferências de escritores e leitores no nosso site:

www.rrabisca.weebly.com/colunas.html

Os vencedores da Sondagem anterior foram: Fanfic, Ficção Histórica e Terror (10.4% cada).

Lâmpada

Sopa de Letras e Palavras Cruzadas



P Q J W F T Y Q L R F N N B A M K C Q B
M A P W N S Q S H V Q R Y Z V W U Q T B
M E V O V P X K K C Q N Y P I D H Z H P
E D N L I D P N S F C U Z T P L S R X T
O I H H W R J S U B C O N S C I E N T E
Z B J O R C S S Z N F V T A O B F N O U
C Y N S E L W K O V Z S T T I Q P Z A A
Q S Z S M B G R P T X E X R J Y R U Y N
T E M P E S T A D E R C H W P F I U F K
D L X Y Z Q J P W U H R A J G P N B A Q
C H R Q P A P A J U I E O Y L T C H L E
K D S O A F N P K M S T B T F R E V O M
B I F E L L T I E F T D J L I O S U S O
T S C E S O K R E J Ó H H C M V A U J Ç
R T B E S R Z O P I R C T O A ã C R T Õ
I A U B F A S S S G I I R N E O E A L E
S N L G C E D Q M F A L R T G G D V O S
T T P P R A T A A S B K F O Z J I E S J
E E W G X N Q O X L S W C S T X T N P K
S N O U S W Z F G U U W Z K A K D A D V

As palavras encontram-se na horizontal e vertical.

PALAVRAS

(ambos os passatempos usam a mesma lista)

Contos	Cu	Distante	Emoções	Falo
Fim	Flor	História	Keep	Olhos
Papiros	Prata	Princesa	Ravena	Secret
Soa	Subconsciente	Tempestade	Tristes	Trovão

Sudoku

As soluções dos passatempos Sopa de Letras, Palavras Cruzadas e Sudoku podem ser encontradas no blogue da revista, "Colunas", sob o título:

Soluções dos passatempos da 11a Edição.

Será publicado no próximo dia 4.

	1				9		7	
5	6	3	8		1			2
4				3	2		1	8
			3	2			6	7
	2	4				1	8	3
7		6		1	8			5
	4						5	
2	5			8				9
	9						2	

Desafio de Escrita

Treine a sua escrita com o nosso desafio de escrita. Pode verificar como outros o fizeram nas nossas redes sociais e, caso publique o seu online, deixe-nos mensagem para que outros possam ler.

Escreva sem usar "que".

Escreva uma cena ou descrição à sua escolha mas sem usar a palavra "que". O limite máximo desejado é de duzentas palavras. Se quiser, é encorajado a pesquisa e o uso de imagens de referência. Caso as associe à sua publicação do desafio, lembre-se sempre de respeitar a licença da imagem utilizada e atribuir crédito sempre que necessário.

Partilhe connosco a sua escrita nas redes sociais com o #rrabisca e o #rrabiscadesafio.

REVISTA
RABISCA
Pela emergência da palavra